

CPATC  
Pesq. And. 44/98



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
Av. Beira-Mar 3.250, CP 44, CEP 49001-970 Aracaju SE  
Fone (079) 217 1300 Fax (079) 231 9145 Telex 792318 EBPA  
E-mail postmaster@cpatc.embrapa.br

# PESQUISA EM ANDAMENTO

N.º 44, CPATC, maio/1998, p. 1-5

## COMPORTAMENTO DE HÍBRIDOS DE COQUEIRO EM RELAÇÃO ÀS DOENÇAS FOLIARES

Edna Castilho Leal<sup>1</sup>  
Wilson Menezes Aragão<sup>2</sup>  
Evandro Almeida Tupinambá<sup>1</sup>

No Brasil, a produção média do coqueiro situa-se atualmente em torno de 30/frutos/pé/ano, tornando praticamente inviável a sua exploração. Entre os principais problemas relacionados a essa baixa produção do coqueiro, destaca-se a exploração da cultura com genótipos não selecionados, que apresentam baixa estabilidade de produção, são mais susceptíveis às pragas e doenças, à seca e a solos de baixa fertilidade natural.

As doenças foliares queima-das-folhas, lixa-grande e lixa-pequena do coqueiro provocadas pelos fungos *Lasiodiplodia theobromae* (Pat.) Griffon & Maubl., *Sphaerodothis acrocomiae* (Montagne) von Arx & Muller e *Phyllachora torrendiella* (Batista) Subileau (Subileau et al., 1993), respectivamente, causam a morte precoce das folhas inferiores da planta, responsáveis pela nutrição e suporte dos cachos. A lixa-pequena, causada por *Catacauma torrendiella* em 1948 (Batista, 1948), foi recentemente revista por Bezerra e reclassificada no gênero *Sphaerodothis* (Bezerra, 1991). Posteriormente, Subileau et al. (1993) classificaram a lixa-pequena no gênero *Phyllachora*.

As lixas do coqueiro são pouco estudadas e a literatura sobre o assunto, conseqüentemente, é escassa. Chase & Broschat (1992), citam a ocorrência das lixas em várias palmeiras e referem-se à pouca literatura existente sobre esse fungo. A lixa-pequena, também conhecida como verrugose do coqueiro, encontra-se disseminada em todas as regiões produtoras de coco do Brasil (Renard, 1988; Warwick et al., 1991). Ela é particularmente severa em regiões de alta pluviosidade (Warwick, 1991). A doença é caracterizada por pequenos pontos negros, ásperos, que são os estromas, encontrados isolados, em linhas ou em forma de losango, nos folíolos, ráquis e frutos (Warwick, 1989).

<sup>1</sup> Eng.-Agr., M. Sc., Pesquisadores da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Av. Beira-Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.

<sup>2</sup> Eng.-Agr., Ph. D., Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE.



A lixa-grande, denominada *Sphaerodothis acrocomiae* (Joly, 1916), é caracterizada por estromas maiores e de cor amarronzada, podendo ser destacados da folha facilmente .

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o comportamento de híbridos do coqueiro produzidos na Embrapa Tabuleiros Costeiros quanto à severidade das lixas pequena e grande e da queima-das-folhas.

Os coqueiros híbridos foram plantados em janeiro de 1994 no Campo Experimental de Umbaúba, município de Umbaúba - SE, em solo predominantemente Podzólico Vermelho-Amarelo Distrófico. Esta região se caracteriza por uma distribuição irregular de chuvas e baixa fertilidade natural do solo. O delineamento experimental utilizado foi inteiramente ao acaso com doze repetições, sendo os seguintes: AVeJ x GBR-RN (Anão Verde de Jiqui x Gigante do Brasil/ Rio Grande do Norte); AVG x GBRPC (Anão Vermelho de Gramame x Gigante do Brasil/ Pacatuba); AVG x GBRPCs (Anão Vermelho de Gramame x Gigante do Brasil/ Pacatuba selecionado); AVC x H213 (Anão Vermelho de Camarões x (Gigante do Oeste Africano x Gigante de Rennel); AVG x H 213 (Anão Vermelho de Gramame x (Gigante do Oeste Africano x Gigante de Rennel); AVG x GBRME (Anão Vermelho de Gramame x Gigante do Brasil/ Merepe) e AVG x GRPF (Anão Vermelho de Gramame x Gigante do Brasil/ Praia do Forte).

Foram feitas avaliações nos meses de março, junho, setembro e dezembro de 1995 e 1996 com os seguintes caracteres: número total de folhas, número de folhas emitidas, número de folhas com queima, número de folhas mortas, número de estromas da lixa-pequena e da lixa-grande. Para contagem do número de estromas foi retirada de cada planta uma amostra de seis folíolos da folha 7 ou próxima, contada de baixo para cima.

Na Tabela 1 estão representados os resultados médios das quatro avaliações de 1995. Observa-se que o híbrido AVeJ x GBR-RN foi o que apresentou maior número de folhas com a queima e o AVG x GBRPF maior número de estromas das lixas pequena e grande. Enquanto que o AVG x GBRPF, AVeJ x GBR-RN e AVG x GBRPCs apresentaram o menor número de folhas com queima-das-folhas, estromas da lixa-pequena e estromas da lixa-grande, respectivamente. Observando-se os resultados de 1996, verifica-se que o AVeJ x GBR-RN foi o que apresentou maior número de folhas com queima-das-folhas e de estromas da lixa-grande, enquanto que o AVG x GBRME apresentou maior número de estromas da lixa-pequena. Entretanto o híbrido AVG x GBRPF apresentou menor incidência das três doenças (Tabela 2).

TABELA 1 - Números médios de folhas vivas, folhas emitidas, folhas com queima, folhas mortas, estromas da lixa-pequena e da lixa-grande em coqueiros híbridos. Umbaúba - SE. 1995.

HÍBRIDOS	Nº total de folhas	Nº de folhas emitidas	Nº de folhas com queima	Nº de folhas mortas	Nº estromas lixa-pequena	Nº estromas lixa-grande
AveJ x GBRRN	9,4	2,2	2,2	1,6	19	152
AVG x GBRPC	8,4	1,9	2,0	1,5	27	145
AVG x GBRPCs	8,8	2,1	1,6	1,2	24	128
AVC x H 213	8,6	2,1	1,8	1,4	32	212
AVG x H 213	8,4	2,0	1,9	1,6	28	176
AVG x GBRME	8,8	2,0	1,8	1,3	43	135
AVG x GBRPF	8,2	2,0	1,5	1,4	44	217

TABELA 2 - Números médios de folhas vivas, folhas emitidas, folhas com queima, folhas mortas, estromas da lixa-pequena e da lixa-grande em coqueiros híbridos. Umbaúba - SE. 1996.

HÍBRIDOS	Nº total de folhas	Nº de folhas emitidas	Nº de folhas com queima	Nº de folhas mortas	Nº estromas lixa-pequena	Nº estromas lixa-grande
AveJxGBRRN	14	2,2	4,2	1,8	9,4	87
AVG x GBRPC	13	2,0	3,7	1,5	11,0	67
AVG x GBRPCs	13	2,2	3,8	1,7	11,0	55
AVC x H 213	13	2,0	3,8	1,6	11,0	70
AVG x H 213	13	2,1	3,6	1,6	10,0	57
AVG x GBR ME	13	2,0	3,9	1,5	25,0	79
AVG x GBRPF	12	1,9	3,6	1,5	7,7	55

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, A. C. *Catacauma torrendiella* nov. sp. agente causal da verrugose do coqueiro. **Boletim S. A. I. C. Pernambuco**, v. 15, n.2, p. 129-133, 1948.
- BEZERRA, J. L. Taxonomia dos fungos causadores da lixa do coqueiro. **Fitopatologia Brasileira**, v. 16, p. 36, 1991 (Resumo).
- CHASE, A. R.; BROCHAT, T. K. **Diseases and disorders of ornamental palms**. St. Paul: APS., 1992. 55p.
- JOLY, P. Le genre *Sphaerodothis* Shear. **Bulletim of Research Council of Israel**. v. 10D, p.187-193, 1916.
- RENARD, J. L. **Rapport mission defense des cultures au Brésil - cocotier**. Paris: IRHO, 1988. 26p.
- SUBILEAU, C.; RENARD, J. L.; DENNETIERE, B. *Phyllachora torrendiella* (Batista) comb. nov. responsable de la maladie verruquense du cocotier. **Mycotaxon**, v.49, p.175-185. 1993.
- WARWICK, D. R. N. **Principais doenças do coqueiro (*Cocos nucifera* L.) no Brasil**. Aracaju: EMBRAPA/CNPCo., 1989. 26p. (Embrapa - CNPCo. Documento , 10)
- WARWICK, D. R. N.; BEZERRA, A. P. T.; RENARD, J. L. Reaction of coconut hybrids to leaf blight. **Oleagineux**, n 6. p.100-108, 1991.

Tiragem: 100 exemplares

Revisão Gramatical: Jiciára Sales Damásio

Diagramação: Maria Pureza do Prado